

A CIDADE E A FABRICAÇÃO DO SENSÍVEL NA SOBREMERNIDADE

the city and the manufacturing sensitivity in overmodernity

Antonio Carlos Queiroz Filho *

Resumo

Este artigo versa sobre o papel da política das imagens e seus desdobramentos nos modos de dizer-ver-sentir a cidade e a vida urbana contemporânea. Como objetivo principal, visa discutir conceitualmente a potência da sensibilidade, via imaginação e poesia, como formas de ampliar os horizontes explicativos da Ciência Geográfica. Para isso, buscou-se apontar o papel desses valores como parâmetros investigativos importantes para os estudos sobre a cidade e os fluxos da vida urbana (mobilidades), na tentativa de compreender os desafios e paradoxos existentes no contexto de mundo sobre-moderno.

Palavras-chave: Cidade, Experiência, Imagem, Imaginação, Mobilidade, Sobremodernidade.

Abstract

This article examines the role of the politics of images and their developments in the ways of saying-seeing-feeling the city and contemporary urban life. Its main objective is to conceptually discuss the power of sensitivity, through imagination and poetry, as forms of expanding the explanatory horizons of Geographic Science. To that end, the role of these values as important investigative parameters for studies on the city and the flows of urban life (mobilities) is discussed in an attempt to understand the challenges and paradoxes that exist in the context of an overmodern world.

Key words: City; Experience; Image; Imagination; Mobility; Overmodernity

Résumé

Cet article a pour but de sensibiliser la population au rôle de la politique d'image mais aussi à son développement afin de mieux sentir la ville et la vie urbaine contemporaine. L'objectif principal est de discuter sur la puissance de la sensibilité à travers l'imagination et la poésie comme un moyen d'élargir les horizons de la science géographique explicative. Pour cela, nous avons essayé de mettre l'accent sur le rôle important de ces valeurs comme un paramètre important de la recherche. En effet elles peuvent servir, lors d'études sur la mobilité urbaine par exemple, à essayer de comprendre les enjeux et paradoxes dans le contexte d'un monde moderne.

Mots-clés: Ville; Expérience; Image; Imagination; Mobilité; Surmodernité.

(*) Prof. Dr. da Universidade Federal do Espírito Santo - Av. Fernando Ferrari, 514, CEP: 29.075-910. Vitória (ES), Brasil. Tel: (+55 27) 3335 7629 - queiroz.ufes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Consideramos um primeiro e importante movimento quando buscamos problematizar o papel das imagens e da imaginação na contemporaneidade, que consiste, mais especificamente, na reflexão sobre a relação estética e política e os desdobramentos disso na produção e constituição daquilo que temos chamado de “imaginação espacial”, numa referência direta aos estudos da geógrafa inglesa, Doreen Massey (2008) no seu livro “Pelo Espaço”.

Em especial, interessa-nos olhar para os fluxos da vida urbana contemporânea (mobilidades) e, a partir daí, pensar em como rasurar uma imaginação espacial já tão comprometida por processos normatizadores e estabilizadores do pensamento e da ação. A questão posta aqui é, portanto, sobre os modos já consolidados e outros tantos possíveis do dizer e ver a cidade, que por sua vez, coloca-nos diante da complexa questão sobre como isso afeta a vida urbana contemporânea. Imaginação e Poética funcionam, assim, como balizas desse processo.

A imaginação que nos é ponto de partida, é exatamente aquela que provoca o automatismo da sensibilidade, da nossa capacidade de agir e de pensar. Dela, interessa produzir outras. A pergunta que cabe agora é: essa “outra” imaginação, seria feita de que? Entra em cena então a poética. Em espacial aquela de que trata Manoel de Barros. Ele nos ensina o que é matéria de poesia:

As coisas jogadas fora / Têm grande importância / - como um homem jogado fora. (Manoel de Barros, Matéria de Poesia)

Esse “homem jogado fora” é o que escreve com palavras tortas, é o próprio devir de um pensamento/imaginação tortos. Se para o poeta Manoel, a “poesia é a loucura das palavras”, o que se poderia dizer de uma Geografia Poética? Ou de uma poética da cidade? De uma imaginação espacial feita de poesia? Se a loucura das palavras é a sensatez dos homens que não têm o compromisso com a gramática, a loucura dessa Geografia talvez esteja exatamente naquilo que ela (e outras tantas grafias de mundo) “jogou fora”.

...antes uma anunciação / Enunciados como que constantivos / Manchas. Nódos de imagens / Festejos de linguagem (Manoel de Barros, O Livro de Pré-Coisas)

Se pensarmos a Geografia como uma imagem-fábrica, ou seja, aquela que é lugar da produção em série e do automatismo, e se pensarmos que a promoção de “atos estéticos como configuração da experiência, que ensinam novos modos de sentir e induzem a novas formas da subjetividade política” (RANCIÈRE, 2009, p. 11), então, o que estamos desejando, no fim das contas, é dar a essa “imagem” novos usos, novos sentidos, novas políticas, em resumo, novas capacidades de agir.

Servindo para a imagem-fábrica, mas também, para a imagem-cidade, principalmente se considerarmos aquilo que fala o filósofo e educador espanhol, Jorge Larrosa, quando aponta para a necessidade de reconhecermos um contexto de mundo “caracterizado pelo caráter plural da verdade, pelo caráter construído da realidade e pelo caráter poético e político da linguagem” (LARROSA, 2010, p. 164).

E nesse pensar a cidade, o que aconteceria com nossas imaginações se:

- primeiro: se pensássemos a cidade como se ela fosse um texto, um poema, uma música, uma obra de arte?
- o que imediatamente nos leva a uma segunda questão: qualquer texto, poema, música ou obra de arte? (como se fossem arquétipos ou modelos solucionadores dessas questões). Notadamente, temos real interesse por aqueles que atuam na tensão entre o “poder das constantes” e a “potência da variação” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 50), entre a imaginação reativa e a criativa.

É na intimidade da linguagem e no enviesamento da sensibilidade que surge uma “cidade como potência menor”, cidade intensiva, que faz proliferar a vida enquanto encontro de palavras, imagens e afetos, enquanto esperança e resistência. Uma cidade-personagem, feita de encontros: cidade-texto, cidade-poesia, cidade-música, cidade-arte, todas misturadas, dobradas entre si, uma dizendo da outra, sendo todas, a mesma. Cidade inventada para não mais caber no gesto repetido de um modo único de dizer-cidade.

SOBRE O DIZER-CIDADE: EXPERIÊNCIA E SENSIBILIDADE

Um nordestino de nome Jesus / Procurado noite e dia em São Paulo / Turcos na Alemanha / Um Palestino servindo café em Israel / Afro-asiáticos nas ruas de Seattle / E mesmo assim ainda é difícil / Vê um beijo multiracial em Hollywood / O mundo migra e dá de cara com fronteiras / As chaves são as mesmas / Samuel L. Jackson e Charlton Heston / Tem a mesma cor da violência / Os dois acreditam em armas / Os dois abrem portas com dólares e euros / Um beijo na pátria amada / Ao lado de uma bandeira queimada / Braço, é braço, braço de terra negada / Braços pulando os muros do mundo / Do futuro por emprego, braços de refugiados / Apesar de tudo, por um instante / Pousam num estado de aleluia / Sem religião desterro, ah, desterro / Desterro (Marisa Monte, part. F.U.R.T.O)

A música da cantora brasileira Marisa Monte, dá melodia aos muitos clichês reducionistas que têm sido questionados diante de um dizer-cidade pautado pela contemporaneidade ou, se preferirmos, pela sobre-modernidade, que consagra, no seu escopo, “uma superabundância de causas que complica a análise dos efeitos” (AUGÉ, 2010, p. 15).

Em especial, o que intensifica esse desafio diz respeito a um conjunto irresoluto de paradoxos que se põem diante de nós. A própria música citada revela isto: ao mesmo tempo em que ocorre uma intensificação da circulação e do fluxo, verificado pela intensificação da multiplicidade e do hibridismo como potencialidade, há uma força diametralmente oposta gerando estigmatizações e standardizações dessas mesmas relações, criando pontos de vista únicos e modos de ver e dizer sobre-determinados.

Há, porém, assumidamente um esforço de tentar lidar com um cenário que reconhece, tal qual nos aponta o filósofo italiano Gianni Vattimo, a perspectiva de que estamos diante de um contexto de “pluralização irresistível, e que torna impossível conceber o mundo e a história segundo pontos de vista unitários” (VATTIMO, 1992, p. 12). Num diálogo direto com o filósofo francês, Jean François Lyotard (1993), ele argumenta sobre a diluição do ponto de vista supremo e das grandes narrativas e enfatiza que:

Derrubada a ideia de uma realidade central da história, o mundo da comunicação generalizada explode como uma multiplicidade de racionalidades “locais” que tomam a palavra, finalmente já não silenciadas e reprimidas pela ideia de que só exista uma única forma de verdadeira humanidade. (VATTIMO, 1992, p. 15)

Essa multiplicidade discursiva, essa comunicação generalizada, essa tomada de vozes antes silenciadas ou desconsideradas – a libertação das diferenças – constituíram uma sensação de que o mundo está em permanente mudança, ao mesmo tempo em que surgem forças conservadoras que buscam reconfigurá-lo a partir da “nostalgia de uma realidade sólida, unitária, estável” (VATTIMO, 1992, p. 14).

Nesse embate, a chamada “emancipação” tem tido uma denominação, que também não deixa de ser paradoxal: a de que estamos diante de um paradigma que advoga em prol de “um mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos”, ou, nos termos de Zygmunt Bauman, em prol da “liberdade dos movimentos” (BAUMAN, 1999, p. 08). Ao mesmo tempo, esse mesmo



mundo vê-se “cheio de ‘abcessos de fixação’, sejam eles “territoriais ou ideológicos” (AUGÉ, 2010, p. 16).

É em Bauman que vemos uma saída explicativa para esse contexto paradoxal. Ele argumenta que a mobilidade, sendo um valor “cobiçado”, uma “mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos” (BAUMAN, 1999, p. 08). Isso nos faz pensar, portanto, em duas instâncias: na mobilidade como alegoria do pensamento/imaginação espacial, bem como, fenômeno agenciador da experiência cidadina contemporânea. É, portanto, na relação desses dois aspectos que podemos pensar sobre um “dizer-cidade” e problematizar, efetivamente, o denominado “paradigma da mobilidade” (URRY, 2007) como algo efetivamente emancipador:

A mobilities paradigm is not just substantively different, in that it remedies the neglect and omissions of various movement of people, ideas and so on. But it is transformative of social science, authorizing an alternative theoretical and methodological landscape. (URRY, 2007, p. 18)

Quando a Geografia mudou o nome da disciplina de “Geografia da circulação e dos transportes” para “Geografia de Redes e Fluxos” e, posteriormente, para “Geografia da Mobilidade”, não foi apenas uma questão semântica. Houve, claramente, um entendimento epistemológico desse campo disciplinar de tentar acompanhar as mudanças e transformações que vêm ocorrendo no mundo, em suas diferentes escalas.

Tanto Augé (2010), quanto Urry (2007) consideram um aspecto contextualmente novo na constituição desse horizonte que ora se configura: a profusão das informações e das imagens. Na cidade contemporânea estamos, a todo momento, sendo bombardeados por elas. Como consequência disso, podemos destacar duas questões fundamentais quando pensamos na emancipação a partir da perspectiva de Vattimo (1992) e Rancière (2014). Temos então dois processos sendo comprometidos:

a) a experiência:

A inundação dada pelas informações e imagens tem nos confundido, nos fazendo pensar que estar informado é ter conhecimento. Vattimo alerta que “a própria lógica do ‘mercado’ da informação exige uma contínua dilatação deste mercado, e exige consequentemente que ‘tudo’, de qualquer maneira, torne-se objecto de comunicação” (VATTIMO, 1992, p. 12). Talvez por isso nos faça bastante sentido a incisiva afirmação feita por Larrosa, de que “A informação não é experiência” (LARROSA, 2002, p. 21). Atualmente, de forma equivocada, informação, conhecimento e aprendizagem tornaram-se sinônimos, como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. (LARROSA, 2002, p. 22)

b) o sensível:

Já o comprometimento do sensível refere-se à perspectiva da “fabricação do sensível” e da “partilha do sensível”, do filósofo francês, Jacques Rancière. Ao refletir sobre as relações existentes entre estética e política, ele explica que “os atos estéticos configuram experiências” (RANCIÈRE, 2009) e, por isso, podemos, em face do comprometimento da experiência, reconhecer que estamos diante de uma “estilização da vida” (PELLEJERO, 2009, p. 15).

Vivemos uma época na qual o automatismo, o individualismo, a impessoalidade, a pressa, a insegurança e a velocidade são as grandes marcas do viver citadino contemporâneo. A experiência do habitar urbano está perdendo a capacidade “negociar sentido” (BAUMAN, 1999, p. 08). Nesse contexto, qual seria o ideal de emancipação que nos resta? Vattimo defende a “oscilação, a pluralidade e, por fim, o próprio ‘princípio de realidade’” (VATTIMO, 1992, p. 13) enquanto Rancière

(2014) argumenta que é necessário compreender que “olhar é também uma ação que confirma ou transforma” aquilo que ele vai chamar de “a distribuição das posições”. Ele afirma que:

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre o olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição. (RANCIÈRE, 2014, p. 17)

Retomamos então a questão do que significaria pensar num dizer-cidade emancipatório. O antropólogo Massimo Canevacci propõe um modo de estar no mundo que se alinha às questões com as quais estamos lidando. Para ele, é necessário “estranhar toda a familiaridade possível com a cidade e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com suas múltiplas diferenças” (CANEVACCI, 2004, p. 30), tornando-nos deste modo, estrangeiros no lugar, aventurando-nos a percorrer outros caminhos, a olhar por variados ângulos, destacando as multiplicidades e nos deixando contagiar pelas estranhezas que nos cercam, ou ainda, nas palavras do autor, “olhar obliquamente o superconhecido” (CANEVACCI, 2004, p. 31).

Podemos também dialogar com outra perspectiva, apresentada pelo Antropólogo francês Michel Agier (2011), em seu livro *Antropologia da Cidade*. O autor propõe uma mudança na seguinte questão: ao invés de dizermos: “o que é a cidade?”, o que aconteceria se perguntássemos: “o que faz a cidade?”.

Talvez assim possamos assumir uma orientação que tome a cidade não mais como “‘uma coisa’ que eu possa ver, nem ‘um objeto’ que eu possa apreender como totalidade” (AGIER, 2011, p. 38), não mais como “uma abstração teórica, generalizadora” (AGIER, 2011, p. 20) e sim, como algo relacional e situacional, pois, “o próprio ser da cidade surge, então, não como um dado, mas como um processo, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas do ‘fazer a cidade’” (AGIER, 2011, p. 39).

Encontramos reverberação das reflexões de Agier, quando lidamos com a ideia de “cidade polifônica”, de Massimo Canevacci. Nas palavras do autor, a polifonia

Designa uma determinada escolha metodológica de “dar voz a muitas vozes”, experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto – justamente a comunicação urbana. A polifonia está no objeto e no método. (CANEVACCI, 2004, p. 17-18)

Ao falar que a polifonia está no objeto e no método, Canevacci faz coro com Urry (2007) e nos aponta para a necessidade metodológica e conceitual de ver, no sentido de reconhecer, e de como dar a ver a uma multiplicidade que surge, tanto no plano material, quanto no plano discursivo; tanto no plano da experiência, como no plano do sensível, que são, por assim dizer, a “recitação de movimentos” (TAVARES, 2013, p. 170) de um pensar e sentir a cidade e suas muitas grafias possíveis.

Tavares fala dessa “recitação de movimentos, talvez da mesma maneira como nos referimos à recitação de poemas” (TAVARES, 2013, p. 170). Podemos pensar, então, numa poética do habitar a cidade contemporânea, não como fato verificável, mas como uma potencialidade combativa diante de fluxo de passividade, automatismo e repetição, ou seja, contra a mera reprodução de uma experiência do viver metropolitano mecanizado, que toma de assalto os lugares e converte nossa relação com eles em um mero princípio mercadoria-consumo. Poética do habitar é, por assim dizer, aquela em que existe porque um Homem abdica de ser completamente individual. Decide entender-se com outros. (TAVARES, 2013, p. 172)

Em face disso, reconhecemos o quanto “somos, da cidade, parte indissociável. Somos vozes, olhos, bocas, palavras, desejos, pensamentos...” (QUEIROZ FILHO; DAMIANI; BORGES, 2013, p. 72). E, com isso, autorizamos-nos a reivindicar um urbanismo lento, uma estética do caminhar, uma postura diante do mundo que se faz na observação minuciosa, na problematização daquilo que



se põe diante de nós. Nos colocamos à disposição um “dizer-ver-cidade” como pluralidade e à um pensar a cidade, ver a cidade e sentir a cidade como um corpo pulsante.

SOBRE O FAZER-CIDADE: É POSSÍVEL?

Contra o ortodoxo, é como poderíamos intitular o livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, da escritora norte-americana, Jane Jacobs. Suas palavras, mais que apenas teoria científica, são alimento para um fazer-cidade na perspectiva de um “ataque aos fundamentos do planejamento urbano” (JACOBS, 2011, p. 01) e conclui seu raciocínio dizendo: “escreverei sobre o funcionamento das cidades na prática (JACOBS, 2011, p. 01).

Ainda que essa prática seja, para Jacobs, uma forma de olhar para as cidades como um “grande laboratório”, lugar de “teste” onde se coloca à prova as teorias do planejamento urbano (JACOBS, 2011, p. 05) – o que podemos considerar como uma perspectiva utilitarista – reverbera em nós a ideia de pensar o mundo a partir do contato direto com o fluxo da vida e, o que exige de nós, dentre tantas coisas, uma mudança de escala: olhar mais de perto e menos de cima. É possível?

Quando lemos Massey (2008) afirmar que, para ela, “a teoria surge da vida”, aquilo soou de uma forma, que poderíamos dizer, transformadora. Essa era uma espécie de “estado de espírito” que nos acompanhava silenciosamente. Mesmo quando a escritora e poetiza Clarice Lispector (1998, p. 64) já tendo dito: “Alimento-me delicadamente do cotidiano trivial”, foi com Doreen Massey que pudemos dar voz a uma perspectiva conceitual e metodológica de investigar o mundo – fazer cidade – a partir daquilo que muitos consideram banal, colocando-os sempre na condição de indigência investigativa, qualificando-os, muitas vezes, como indignos de se tornar objeto de preocupação científica. Contrariamente, isso é o que nos interessa: sermos habitados pela “harmonia secreta da desarmonia”, “quero não o que está feito mas o que tortuosamente ainda se faz” (LISPECTOR, 1998, p. 12). É possível?

Como te explicar? Vou tentar. É que estou percebendo uma realidade enviesada. Vista por um corte oblíquo. Só agora pressenti o oblíquo da vida. Antes só via através de cortes retos e paralelos. (...) A vida oblíqua é muito íntima. (LISPECTOR, 1998, p. 62-63)

Nessa perspectiva, a intimidade, ou seja, o caráter proximal da vida urbana tem nos interessado de um modo peculiar e a “obliquidade” (CANEVACCI, 2004) tem se tornado um desafio perene, assim como foi instigante para Massimo Canevacci quando ele saiu de Roma e se deparou com a imensidão da cidade de São Paulo, a “Cidade patchwork” (CANEVACCI, 2004, p. 10). Partilhamos dessa “descoberta do olhar” em que olhar “obliquamente o superconhecido” é premissa quase que inalienável à captura da polifonia como uma possibilidade de fato. É possível?

Tanto com o poeta Manoel de Barros, como com o escritor português Gonçalo M. Tavares, temos aprendido a combater as formulações de um fazer-cidade pré-fabricado, a reconhecer como método, o “errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução” (TAVARES, 2013, p. 28), bem como, a “escovar as palavras” até elas virarem “desobjeto” (BARROS, 2010b).

Eis então um fazer-cidade-poema. Ele diz respeito a uma não captura pela “palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar” (BARROS, 2010b, p. 43), nem serve de invólucro para as grandes teorias explicativas e suas “gavetas”, que são, nas palavras de Tavares, “organizadores verbais” (TAVARES, 2013, p. 28):

Pensamos, de facto, por conceitos, mas as gavetas com comunicação múltipla entre si, com buracos, com declives, com passagens óbvias e outras mais secretas são divertidas; gavetas que segurem não materiais sólidos, mas líquidos, materiais cuja essência seja o movimento, materiais que não estão num sítio: circulam entre sítios. (TAVARES, 2013, p. 29)

Do mesmo modo, como docemente nos diz Manoel de Barros: “O tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas” (BARROS, 2010b, p. 67). É possível? Canevacci ainda não tinha intimidade com São Paulo quando a viu pela primeira vez. Como pôde ele então se dispor à polifonia? Porque era ele. Ser privilegiado? Não. Ser oblíquo, entregue à disposição de se lançar ao desconhecido. Ele se permitiu perder-se. Em desapego, lançou-se ao “fluir das emoções” (CANEVACCI, 2004, p. 14).

Estou convencido de que é possível elaborar uma metodologia da comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado... (CANEVACCI, 2004, p. 15)

Essa era a sua intimidade e a sua circularidade: é possível.

SOBRE O SENTIR-CIDADE: ESPAÇO-POEMA

Retomamos o diálogo com Doreen Massey. Na verdade, queremos fazer um paralelo entre a primeira parte de seu livro – Pelo Espaço (2008) e a bela obra de Ítalo Calvino, As Cidades Invisíveis (1990). Ambos tratam a cidade como imaginação espacial. Massey primeiro nos explica sobre o papel fundamental dos relatos nas “viagens de descoberta”.

Nessa prática discursiva aparentemente inocente, alerta Massey ao analisar o caso dos Astecas, os habitantes a serem conquistados foram “desprovidos de história”, como se estivessem “imobilizados” aguardando a chegada de seus conquistadores. O resultado político de discursos como esse é o de perpetuar uma imaginação que toma o espaço como superfície. Fazendo isso:

Tal espaço torna mais difícil ver, em nossa imaginação, as histórias que os astecas também estavam vivendo e produzindo. O que poderia significar reorientar essa imaginação, questionar o hábito de pensar o espaço como uma superfície? (MASSEY, 2008, p. 23)

Para Calvino, as cidades percorridas nas viagens de Marco Polo, a mando do Imperador Kublai Khan, não subsistiam a um discurso que se fundava num espaço como superfície – que seria o espaço-Zora – aquele “que tem a propriedade de permanecer na memória”, pelos simples motivo: todos a conheciam de cor, pois ela havia sido “obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização” ou o espaço-Tamara, feito de “figuras de coisas que significam outras coisas”, como “o torquês que indica a casa do tira-dentes”. Símbolos nos ensinando que:

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.

Há, sem dúvida, outras formas de se imaginar o espaço, como reivindica Doreen Massey. Em Calvino, há o exemplo do espaço-Dorotéia, dito tanto pela descrição detalhada de suas formas, objetos e dados matematicamente calculados, quanto pelo mapa-memória do camaleão que guiou Polo. O espaço-Zaira, que comunica sua história pelos “ângulos das ruas”, “grades das janelas”, ou seja, “pela medida de seu espaço e os acontecimentos do passado”, a exemplo:

dos rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abanado de couro ali sobre o molhe.

E o passado da imaginação e da poesia contida nessa história dos três velhos, e nas demais aqui referidas como outras formas de se imaginar o espaço, presentifica-se no instante em que palavra e imagem fundem-se numa memória, que se pode dizer, poeticamente, é uma “memória inventada” (BARROS, 2010). Feita de desprezo, pedaços de madeira velha, alguns insetos rasteiros, terra



molhada e um olhar ingenuamente curioso que coloca tudo aquilo numa caixa de inutilidades e os mistura. Depois disso, já não se pode mais distinguir o ver, dizer, fazer e sentir: tudo passa a ser.

DA FABRICAÇÃO DO SENSÍVEL: DIVER-CIDADE

Diferente da memória-inventada de Manoel de Barros, a imaginação pré-fabricada seria o termo “falso”, da expressão “tudo que não invento é falso”. É aquela que impede ou diminui potencialmente a nossa capacidade poético-criadora e se constitui como a experiência em si mesma. O urbanista americano Kevin Lynch chama atenção para o ato de olhar as cidades. Por mais corriqueira e repetida que possa ser nossa prática cotidiana, Lynch nos diz que “Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas” (LYNCH, 2010, p. 01).

As paisagens urbanas pré-fabricadas tiram-nos dessa possibilidade, múltipla e inventiva. Parafraseando LYNCH (2010), não devemos levar em consideração as paisagens urbanas (as cidades) como coisas em si mesmas, mas o modo como elas são experienciadas e produzidas, afinal de contas, “Uma paisagem na qual cada pedra conta uma história pode dificultar a criação de novas histórias” (LYNCH, 2010, p. 07).

E há paisagem mais pré-fabricada que aquelas dos grandes condomínios de luxo? O urbanista e historiador americano Mike Davis (2009) os denomina de “lugares esterilizados”, de “domicílios verdejantes”, partícipes de uma lógica que, segundo o autor:

Evoca muito da evolução anterior das casas pré-fabricadas do Sul da Califórnia. Mas os empreendedores não estão somente reempacotando o mito (a boa vida nos subúrbios) para a próxima geração; estão também se aproveitando de um novo medo crescente da cidade. (DAVIS, 2009, p. 40)

A produção do medo também tem sua fórmula pronta, a exemplo da análise feita pelo referido Mike Davis no livro “A Cidade de Quartzo”, quando fala do modo como o “mito do santuário no deserto” foi desfeito por meio de uma série de atos de violência ocorridos a partir da virada do ano novo de 1990 (DAVIS, 2009). Mas há uma outra forma de pré-moldado que Davis trata muito bem: a imagem da cidade. Ele relata que:

Um de meus novos campañeros de Llano disse que LA já estava em toda parte. Eles assistiam todas as noites em San Salvador, em infinitas reprises dubladas de Eu amo Lucy e de Starky and Hutch, uma cidade onde todos eram jovens e ricos, dirigiam carros novos e se viam na televisão. (DAVIS, 2009, p. 47)

Tais imagens espetaculares de LA eram a grande imaginação espacial mobilizadora, não apenas dos sonhos de muitos que se dirigiam até lá, como os migrantes ilegais que se arriscavam na aventura de cruzar as fronteiras “superprotegidas” ou os astros do cinema hollywoodiano e suas ações de refúgio e auto-reclusão. Essa prática discursiva é o que legitimava uma condição de cidade feita imagem, produzida no intervalo entre existência e devir, que é o mesmo daquele entre da Clarice Lispector quando ela diz: “quero uma verdade inventada” (LISPECTOR, 2008, p. 13).

E assim nascem as reflexões que assumem a poética como suas constituintes. Elas propõem-se pensar a cidade no contexto da mobilidade sobremoderna, para além da perspectiva funcionalista e mecanicista. As principais marcas do viver citadino contemporâneo e os principais paradoxos do paradigma da mobilidade passam a servir como “matéria de poesia”. Essa é a premissa da poesia de Manoel de Barros. Ela não tem o compromisso com a “verdade”, nem ao menos pretende explicar qualquer coisa. Como ele mesmo diz: a poesia serve para aumentar o mundo”.

E não seria diferente com uma Geografia que vislumbra “aumentar o mundo”. Da experiência capturada pelas imagens clichês, esgarça-se a paisagem consolidada de forma instantânea e automática em nossas memórias. Aumentamos nossos horizontes imaginativos e assim provocamos a gramática da imagem a dizer de outro modo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a cidade contemporânea é também compreender o papel que as imagens têm desenvolvido sobre a vida urbana atual, dado um contexto de mundo dominado pelas narrativas e discursos da visualidade. Nas palavras de Marc Augé, esse contexto corresponde ao que ele chama de “ideologia do sistema da globalização, uma ideologia da aparência, da evidência e do presente” (AUGÉ, 2010, p. 16).

Esse aspecto de produção e circulação das imagens tem modificado a própria forma em que diversas áreas do conhecimento têm buscado pensar a cidade como uma categoria que está para além dos aspectos materiais concretos. É o que ressalta John Urry quando diz que:

I thus seek to bring into vision how social life presupposes many issues of movement and non-movement, of forced movement and of chosen fixity, of people, images, ideas and objects. (URRY, 2007, p. 17 – grifos meus)

Ao enfatizar imagens e ideias como partícipes fundamentais do contexto contemporâneo, toma-se como ponto de partida um cenário de mundo em que as imagens advindas dos mais variados meios, (cinema, televisão, fotografia, internet, etc.), participam, sem precedentes, do nosso modo de pensar-agir (ALMEIDA, 2000; OLIVEIRA JR., 2009):

A imagem hoje se transformou na mercadoria por excelência, objeto de produção, circulação e consumo, realizando de forma fantástica o velho axioma: cria-se não apenas uma mercadoria para o sujeito, mas criam-se, também, sujeitos para a mercadoria. É este hoje o estatuto da imagem. (NOVAES, 2005, p. 10)

Assumimos a compreensão do espaço inventado, por exemplo, pelas câmeras fotográficas e pelas narrativas de tevê como parte necessária para um aprofundamento em questões que passam tanto pela “venda” de uma imaginação espacial pelos produtos, que se desdobra em práticas espaciais e discursivas cada vez mais atreladas à constituição de novos entendimentos na relação Cidade-Imagem como lugar-mercadoria / paisagem-produto de uma retórica de um capitalismo global.

Vende-se um estilo, um conceito, uma simbologia, uma forma de pensar e de agir no mundo, que está sempre ligado ao consumo de um determinado produto e que este consumo está ligado uma coletividade que é mundial. A funcionalidade perde foco e o que passa a contar, de fato, é o que ou quem o indivíduo se torna para o mundo ao consumir uma dada funcionalidade. (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 06)

Milton José de Almeida argumenta que os programas de tevê “expressam em imagens e palavras, valores e mensagens diversas e participam, de diferentes maneiras, da grande construção mítica da sociedade contemporânea” (ALMEIDA, 2000, p. 04) e fazem isso promovendo aquilo que ele denomina de “catecismo visual”, dado o papel atribuído às imagens televisivas como sendo verdadeiras “celebrações visuais de modos de ver e estar no mundo” (ALMEIDA, 2000, p. 05).

Assim, ao olharmos para a produção e circulação de imagens como grandes paisagens e territórios narrativos, estamos na esteira do argumento de Oliveira Jr. quando fala de uma “paisagem única” que se dá, em grande medida, “pela lógica da mercadoria, tornando o mundo um amontoado de lugares a serem consumidos” (OLIVEIRA JR., 2008, p. 02).

Estamos diante do desafio, portanto, de tentar compreender qual “paisagem única” está sendo construída e qual a lógica da imaginação espacial e seus desdobramentos na imaginação do político (MASSEY, 2008) sobre os índices do principal paradigma que têm pautado a produção da cidade contemporânea, a saber, a mobilidade sobremoderna.

Esse imaginar espacial, nas palavras da própria Massey, não está descolado do imaginar político, “afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar” (MASSEY, 2008, p. 15). O esforço de investigação empreendido



diz respeito à tentativa de se buscar entender os desdobramentos dessa política do olhar, que ora se constitui, e aquilo que tem sido considerado como as “novas políticas da espacialidade” (MASSEY, 2008), o que implica, necessariamente, em novas configurações materiais e simbólicas para a mobilidade.

Todos esses aspectos configuram uma trama de questões que têm alimentado aquilo que podemos chamar de “mobilidade do pensamento”, que resulta, em específico, em uma preocupação (conceitual e metodológica) que trata do papel político das imagens e suas narrativas visuais em face de um horizonte analítico que tem se anuviando e, ao mesmo tempo, ganhado novas tonalidades, novos delineamentos.

A palavra “novo” aqui não está no sentido de “tomada de lugar”, de sucessão de um possível método/objeto por outro. Mas, sim, na perspectiva de ampliação das possibilidades explicativas das ciências humanas e sociais como um todo, na medida em que elas assumem novas questões, temas e reflexões como pauta de seu escopo epistemológico e ontológico.

É como se estivéssemos diante de uma grande paisagem conceitual que tem se colocado em movimento ou, ainda, assumido o movimento como sua maior potência. Isso implica dizer, em grande medida, que sua força motriz, de maneira mais intensa, tem se colocado diante de outras miradas, outros pontos de vista. Isso seria, nos termos do poeta Manoel de Barros (2010b), fazer da Geografia Contemporânea um “esticador de horizontes”, portanto, uma Geografia que toma o mundo como uma potência criadora e criativa para suas – muitas – grafias.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALMEIDA, Milton José de. A Educação Visual na Televisão Vista Como Educação Cultural, Política e Estética. **Pró-Posições**, volume 10 (2), p. 9-25, Campinas, 1999.
- AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. Trad.: Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta, 2010a.
- BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros**: poesia completa. Rio de Janeiro: Record, 2010b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Trad.: Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad.: Cecília Prada. São Paulo: Nobel, 2004.
- DAVIS, Mike. **Cidade de Quartz**: escavando o futuro em Los Angeles. Trad.: Marco Rocha e Renato Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 02. Trad.: Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad.: Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Trad.: Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad.: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Trad.: Jefferson L. Camargo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad.: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

- NOVAES, Adauto. **A imagem e o espetáculo**. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.
- PELLEJERO, Eduardo. **A Postulação da Realidade**: filosofia, literatura, política. Trad.: Susana Guerra. Lisboa: Edições Vendaval, 2009.
- OLIVEIRA JR, Wanceslão M. de. A educação pelas imagens e suas geografias: grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-posições**, Vol. 20 (3), Campinas, 2009.
- QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos; DAMIANI, Hadassa Pimentel; BORGES, Rafael Fafá. Rasuras e Experimentações Apontamentos sobre Imagem - Cidade – Experiência, **Entre-Lugar**, N°7, p. 67-85, ano 4, Dourados, MS, 2013.
- QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos; DAMIANI, Hadassa Pimentel; BORGES, Rafael Fafá. (2010) Geografias Televisivas: imaginação espacial a partir de comerciais e reportagens de jornal. **Anais XVII ENG**. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3573>> Acesso em: 27/02/2016
- RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**: estética e política. Trad.: Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Trad.: Ivone C. Beneditte. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- TAVARES, Gonçalves M. **Atlas do Corpo e da Imaginação**: teoria, fragmentos e imagens. Alfragide, PT: Caminho, 2013.
- URRY, John. **Mobilities**. Malden, MA: Polity Press, 2007.
- VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Trad.: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

Trabalho enviado em julho de 2016

Trabalho aceito em agosto de 2016

